1

Introdução

A presença de mulheres nos mais diferentes espaços da sociedade brasileira é, sem dúvida, uma conquista recente. Foi apenas a partir da segunda metade do século XX que foram abertas as portas para uma série de atividades que antes a população feminina não tinha acesso devido à divisão sexual do trabalho que estabelecia o exercício de tarefas de acordo com o sexo.

Antes desse período à mulher cabia o espaço privado, no qual desenvolvia principalmente os afazeres domésticos, e ao homem pertencia o espaço público, no qual realizava as funções de cunho laboral.

Com as transformações sociais e as guerras mundiais, a mulher inicia sua jornada de ingresso na vida profissional pública no mundo ocidental. O apelo econômico para a inserção da força de trabalho feminina nesse período se justificava nos países diretamente ligados ao cenário da guerra na necessidade de sustento da economia daqueles países, uma vez que os homens haviam partido para a guerra. Aos poucos a mulher vai deixando de ser coadjuvante e ganhando *status* para se estruturar como um dos personagens principais na História do mundo.

Buscando uma igualdade de condições com os homens no mercado de trabalho, as mulheres começam a freqüentar cada vez mais escolas e universidades e, segundo Joan Scott, eram estimuladas para tanto:

Durante os anos 60, também as faculdades, as escolas de graduação e as fundações começaram a estimular as mulheres a obterem PhDs, oferecendo bolsas de estudo e um considerável apoio financeiro (1992, p.68).

O feminismo, enquanto movimento social teve papel fundamental na luta pela concretização da inserção da mulher no domínio público e na conquista do reconhecimento do espaço privado. Surge como uma organização social voltada para a luta contra a discriminação sexual, impetrando uma revisão nas relações entre homem e mulher, e passando a lutar por mudanças nas diferenças sócio-econômicas existentes no Brasil. A mulher passa a demandar sua participação nos diferentes ambientes de trabalho.

De acordo com Céli Pinto (1992), o movimento feminista foi organizado para lutar contra uma condição construída historicamente pela desigualdade nas relações de gênero, que se materializam nos espaços públicos e privados, ao nível da razão e do afeto, do trabalho e do prazer, da obrigação e do desejo.

Com a entrada da mulher no mundo do trabalho, foi inevitável que elas ocupassem cargos que originalmente eram exclusivos do universo masculino. Entre eles as instituições militares.

O Exército foi a última Força Armada a permitir o ingresso das mulheres em suas fileiras no Brasil. A entrada da primeira turma de militares do sexo feminino, composta por 49 mulheres com nível superior, ocorreu em 1992, doze anos após a pioneira Marinha formar sua primeira turma composta por profissionais de saúde e áreas administrativas.

Atualmente podemos perceber uma situação bastante diversa em termos de participação feminina na caserna. Hoje é possível encontrá-las desempenhando várias funções, não só em quartéis-generais ou unidades de saúde, mas também (ainda que em número bem reduzido) em organizações militares operacionais e em missões de operações de paz.

Entretanto, a inserção do segmento feminino nesse universo trouxe consigo uma série de controvérsias em relação a vários aspectos como: fragilidade *versus* força; delicadeza *versus* habilidade; condicionamento físico *versus* capacidade; entre outros, gerando questionamentos das relações sociais que permeiam o atual orbe militar.

Pode-se dizer que essas controvérsias, levantadas a partir da entrada das mulheres nas Forças Armadas, estão correlacionadas invariavelmente aos relacionamentos vivenciados no decorrer da convivência profissional que por sua vez são estruturadas a partir de relações de poder.

Delinear o espaço de poder ocupado por esses atores, homens e mulheres militares, e precisar a influência exercida por eles, se apresenta como algo mais complexo do que se imagina num primeiro instante. Conforme Vigny, o “Exército é uma nação dentro da Nação” (1975, p. 33), isto é, um espaço relativamente

autônomo, com suas regras, posições e disposições o que determina um senso prático próprio de seus integrantes.

Nesse contexto, destacamos a importância em reconhecer os aspectos que fundamentam a cultura própria das instituições militares, onde interagem homens e mulheres, considerando, essencialmente, a hierarquia e a disciplina como valores fundamentais presentes na organização das atividades diárias das instituições militares.

O presente estudo tem por objetivo conhecer a experiência da presença de mulheres militares, em um determinado efetivo do Exército Brasileiro, a partir da inserção feminina no Quadro Complementar de Oficiais na Escola de Administração do Exército e refletir, a partir das relações existentes nesse ambiente, sobre quais as condições em que se dá a atuação destas profissionais.

Ao fazermos menção as relações existentes, estamos nos referindo às relações de poder, que constituem, transitam e permeiam o universo militar, tanto do ponto de vista da organização interna da instituição, quanto da ótica de interação social vivenciados entre os militares que a compõem.

O intuito, contudo, não é elencar tão somente as possíveis diferenças no emprego humano relacionadas ao gênero e sim refletir como a mulher militar percebe sua práxis e como esta, em contrapartida, é percebida.

O problema, no contexto dessa pesquisa, indaga sobre a existência ou não de fatores intrínsecos às experiências vivenciadas por homens e mulheres no ambiente de trabalho militar, procurando assim, compreender esse cenário de interação entre poder e gênero a partir de sua imersão em uma cultura organizacional pertencente a um contexto bastante específico.

Acresce destacar ainda que mesmo o objeto do estudo não se constituindo em um primeiro momento como um impasse institucional, a motivação em sua pesquisa está na busca organizada de dados e informações que alicercem o entendimento deste novo momento institucional a partir da inserção do quadro feminino.

A existência de uma ampla gama de pesquisas sobre o tema gênero no Brasil desde a década de 1970, demonstra a sua relevância para o ambiente acadêmico e

demais interessados do entendimento do significado e da realidade da participação das mulheres em espaços de poder no Brasil.

No entanto, ainda que pertinente, a produção acadêmica dedicada a alguns temas sobre as relações entre mulher e poder ainda se encontram pouco exploradas, como é o caso dos estudos com ênfase na mulher militar.

A este estado de tratamento do tema soma-se o fato de haver igualmente uma extensa produção acadêmica na área das Ciências Sociais sobre os militares, priorizando, sobretudo a análise do papel desses atores na política brasileira. É deveras limitado o número de trabalhos que tratem das Forças Armadas brasileiras a partir do viés da inserção do quadro feminino, ao contrário do que ocorre em outros países, onde há alguns anos já se vem consolidando a área de estudo das Forças Armadas e gênero como uma reflexão importante sobre a percepção e o papel da mulher nesse *locus* de poder.

Minayo afirma que "nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática" (1993, p. 90). Assim, pode-se afirmar que a justificativa apresentada como escolha do tema não evidencia só aspectos objetivos, como também aspectos subjetivos. Isso porque atrelado a eles está o interesse profissional da autora enquanto integrante da Força escolhida como campo de estudo, ou como coloca Minayo "surge de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas raízes e seus objetivos" (1993, p. 90).

Logo, o interesse pelo estudo das relações que ocorrem no interior das organizações militares adquiriram importância pessoal a partir do trabalho desenvolvido em uma Organização Militar localizada no Estado do Rio de Janeiro. Nasceu aí a vontade de analisar racionalmente um amplo movimento de transformações no ambiente castrense que vem ocorrendo desde o início da década de 1990, com a inserção do segmento feminino em seu quadro de pessoal.

O objeto desta pesquisa -a mulher militar do Exército Brasileiro- foi estabelecido assim, a partir das experiências pessoais da pesquisadora, buscando aproveitar o que essas experiências podiam oferecer de subsídios a um conhecimento formalmente construído.

Frente ao exposto e na busca de atingir ao objetivo proposto foram definidos como principais expectativas para este trabalho os seguintes itens:

- Observar quais diferenças de gênero a instituição produz e reproduz nos aspectos organizacionais, burocráticos e no ambiente físico;
- Como estas são reapropriadas dentro da lógica militar;
- Refletir como as mulheres militares percebem a sua prática a partir de seu cotidiano profissional;
- Analisar os processos de produção, aceitação e de naturalização das relações de poder nas ações e práticas dos militares dentro de uma organização militar do Exército Brasileiro na cidade do Rio de Janeiro.

Para não perder a trilha estabelecida pelos objetivos específicos acima listados, colocaram-se as seguintes questões norteadoras:

1. Como se constroem e se estabelecem as relações de gênero e de poder entre os militares integrantes do quadro de uma Organização Militar do Exército Brasileiro sob a influência dos valores de ordem simbólica como a hierarquia e da disciplina e
2. Como tais representações são vivenciadas e apropriadas pelas mulheres militares?

A partir destas questões desenvolveram-se duas hipóteses de trabalho:

1. A divisão sexual do trabalho no Exército é um corolário das relações sociais patriarcais, incorporada e cristalizada no mundo doméstico e na sociedade em geral. Isto diz respeito por sua vez, a uma dinâmica que não é nova e continua interagindo na produção e reprodução da vida e dos valores marcados pela desigualdade dos processos de inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho.
2. As relações de poder estabelecidas dentro da instituição militar contribuem com o movimento de naturalização de controle do masculino sobre o feminino, através de processos contínuos de violência simbólica.

Diferentemente do homem, que durante todo o processo histórico brasileiro teve como opção o papel de “defensor da pátria”, a trajetória de ascensão feminina

nas organizações militares se apresenta como caminho ainda em percurso. Conforme sugerido por Loden (1998), em muitos casos a trajetória profissional feminina lembra muito mais um labirinto do que uma simples escalada ao topo das organizações.

Esperamos contribuir com o estudo sobre uma temática complexa que, embora ainda timidamente, tem despertado o interesse de alguns estudiosos e conseqüentemente vem a cada dia ganhando mais relevância, uma vez que algumas especificidades da instituição militar podem de alguma forma influenciar nas “novas” relações que estão sendo estabelecidas no interior da caserna

Nesta perspectiva, o trabalho que aqui se apresenta foi estruturado através de quatro capítulos temáticos; além desta introdução que coloca a questão em estudo e de um capítulo de considerações finais, que trata de resumir os achados desta pesquisa.

É importante ressaltar que optamos por apresentar o material coletado no campo da pesquisa empírica no capítulo relativo à discussão sobre gênero, relações de poder e poder simbólico, com o objetivo de dar concretude às discussões que desejamos propor em torno do tema em estudo.

No primeiro capítulo temático, apresentamos um histórico da inserção das mulheres no Exército Brasileiro no contexto do cenário político brasileiro próprio da década de 1980.

No segundo capítulo temático são apresentados os procedimentos metodológicos que pavimentaram o caminho pelo qual a pesquisa foi trilhada. Neste descrevemos, além da opção pelos métodos de coleta de informação utilizados e os critérios adotados para a análise dos dados recolhidos, um breve histórico da instituição pesquisada e o perfil dos entrevistados.

A aproximação aos conceitos norteadores da pesquisa –gênero, poder simbólico e relações de poder- está apresentada no terceiro capítulo temático, juntamente com o material colhido no trabalho de pesquisa de campo. A escolha dos autores utilizados foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que os conceitos por eles abordados foram os elementos que embasaram este trabalho, bem como contribuíram para a sustentação da nossa argumentação.

Cabe ressaltar, no entanto, que este tema nem de longe se esgota com este trabalho, posto que se procurou apenas elencar alguns aspectos de uma questão que, sem lugar a dúvidas, merece a atenção da academia brasileira.